

Reestruturação das indústrias de suprimentos agrícolas no Brasil, nos anos 90: concentração e desnacionalização

Maria D. Benetti*

"A problemática fundamental não consiste em observar como o capitalismo administra as estruturas existentes, mas principalmente em como as cria e destrói."

Schumpeter (1984, p. 114)

Na década de 90, o agronegócio brasileiro consolidou-se em estruturas fortemente concentradas nas suas várias indústrias, com grande participação do capital internacional e, em várias delas, sob seu domínio. Esse processo faz parte do movimento de reestruturação do setor em âmbito mundial e, portanto, lhe é concomitante e guarda as suas principais características: concentração e internacionalização.

Uma característica marcante da concentração industrial foi a velocidade em que foi processada, dissociando o aumento das escalas empresariais do processo natural de expansão dos negócios graças à centralização patrimonial promovida pelos negócios de Fusões e de Aquisições (F&A).

Coincidentemente a essa mudança, ocorreu um recrudescimento da transnacionalização das grandes firmas internacionais, as quais implantaram filiais em vários países, ou as reestruturaram, quando existentes, reforçando sua face multinacional em ambos os casos.

O Brasil, justamente, foi um espaço privilegiado de expansão de grandes grupos estrangeiros na área do agronegócio, tendência expressa tanto nos fluxos de Investimentos Diretos Estrangeiros quanto no número expressivo de aquisições

* Economista da FEE.

de empresas nacionais acumuladas na década de 90.¹ A circunstância de que tais grupos reproduziram internamente as estruturas de mercado e os padrões de competitividade dominantes nas matrizes levou à desestruturação do mercado doméstico, refletindo-se, dentre outros aspectos, no aumento inusitado das escalas viáveis para o funcionamento das empresas. Isso explica a mortandade² elevada das firmas brasileiras em todos os setores do agronegócio e explica, também, os negócios de F&A entre empresas brasileiras, as quais se reestruturaram para sobreviverem junto a um seleto grupo de *global players*. É importante notar que as vendas se referem, principalmente, a experimentadas empresas, com marcas conhecidas, muitas delas com larga experiência nos mercados internacionais e incluídas, por anos consecutivos, na lista das maiores firmas nacionais nos seus respectivos setores de atividade.

Este artigo é o terceiro de uma série resultante de uma pesquisa iniciada em 2000 sobre a reestruturação do agronegócio brasileiro nos anos 90. Assim, algumas afirmações feitas nesta parte introdutória se apoiam em conclusões dos dois estudos anteriores, já publicados e referenciados na bibliografia apenas a este texto. No entanto, os dois primeiros referem-se mais especialmente aos setores de processamento (agroindústrias) e da grande distribuição da produção agropecuária (supermercados), enquanto o presente focaliza a concentração no setor de suprimentos agrícolas (SSA). O SSA, como se sabe, congrega um conjunto de indústrias produtoras de fertilizantes, defensivos, sementes, medicamentos veterinários e máquinas e equipamentos agrícolas³.

A concepção deste artigo obedeceu a dois objetivos gerais. O primeiro deles foi o de esboçar o perfil industrial emergente do processo de reestruturação internacional iniciado na década de 90, associando-o ao padrão de crescimento e de competitividade instaurado nos mercados brasileiros. O segundo foi o de construir uma argumentação para, parafraseando o autor citado em epígrafe, enfrentar as questões como e por que foram destruídas e recriadas as estruturas com que operavam as indústrias.

Para alcançar os objetivos mencionados, selecionaram-se indicadores de reestruturação que indicassem modificações na concentração industrial e nas escalas das empresas, privilegiando-se os eventos de F&A de empresas. As informações foram levantadas, sempre que possível, em âmbito internacional e doméstico, tendo em conta a premissa assumida e explicitada na abertura do texto, das conexões entre os dois processos de mudanças.

¹ Ver, a esse respeito, o **Anexo**.

² Mortandade significando, neste contexto, fusões e aquisições de empresas nacionais por internacionais.

³ A concentração e a internacionalização do setor de máquinas e equipamentos agrícolas não serão examinadas neste artigo.

1 - A concentração no setor de suprimentos agrícolas brasileiro, na década de 90: as indústrias de biotecnologia agrícola, sementes e defensivos

Um traço diferencial fundamental das indústrias que compõem o SSA e que interessa sublinhar no presente contexto é a densidade de investimentos em conhecimento científico e tecnológico. A indústria de biotecnologia animal e vegetal caracteriza-se por um alto coeficiente de investimento nessas áreas. E é ela, em última análise, que comanda as grandes transformações na cadeia agroindustrial, isto é, nas indústrias agroquímicas e de saúde animal, de máquinas e implementos agrícolas, assim como estabelece as fronteiras superiores de crescimento do agronegócio.

A um determinado estoque de pesquisa corresponderá uma produção sementeira; uma produção de defensivos e fertilizantes que lhe é compatível; uma linha de produção agropecuária e, daí, um conjunto de matérias-primas para processamento industrial. E, a agricultura, em que pese valer-se dos ciclos de inovações experimentados pela agroindústria para seu próprio crescimento, só conhecerá a verdadeira revolução — aquela que a transformará em apenas mais um dos vários ramos da indústria — a partir dos avanços tecnológicos construídos a sua montante, nas indústrias de biotecnologia animal e vegetal.^{4 5}

Ora, na década de 90, processou-se uma revolução na indústria de biotecnologia, quando as empresas-líderes mundiais decidiram focar seu crescimento na produção de organismos geneticamente modificados, tanto na área vegetal quanto na animal. Elas lançavam as bases para que as indústrias de suprimentos agrícolas iniciassem um novo ciclo de crescimento baseado na

⁴ Inovações tecnológicas com essas características aproximam-se das definidas por Clark (1987, p. 67-68) como do tipo arquitetônica (*architectural innovation*), na medida em que, ao promoverem o surgimento de novos produtos e mercados — logo, novos negócios nas áreas industrial e da circulação de mercadorias —, reestruturam a economia e redesenham as relações entre as partes que a compõem. É o caso, por exemplo, da produção de grãos de arroz com vitamina A — *golden rice* — para suprir carências humanas desse nutriente. A biotecnologia operou o milagre de apagar as fronteiras entre a indústria farmacêutica e a agricultura.

⁵ É por isso que, na ausência de inovações importantes no setor de biotecnologia, a expansão das demais indústrias integrantes da cadeia depende fortemente da incorporação de novas terras à atividade agropecuária. E, assim, então, regiões de fronteira agrícola, como é o caso do Brasil, são vitais para a expansão das grandes *tradings* multinacionais na área agrícola (Bunge e Born, Cargill, ADM, Coinbra/Louis Dreyfus, Monsanto).

diversificação da linha de produção, “(...) criando produtos completamente novos, diferentes dos velhos nas suas características físicas e que destinam-se a novos mercados” (Merhav, 1972, p. 105).

Todavia a pesquisa é atividade muito cara, exigindo grandes investimentos e, conseqüentemente, empresas de grande porte. Além disso, apresenta alto risco, e os resultados aparecem no longo prazo. A dependência das inovações científicas das grandes escalas de empresa é expressa de forma inequívoca por Steindl (1990, p. 38-42) na seguinte passagem do livro **Pequeno e Grande Capital**, em que discute os problemas econômicos do tamanho das empresas:

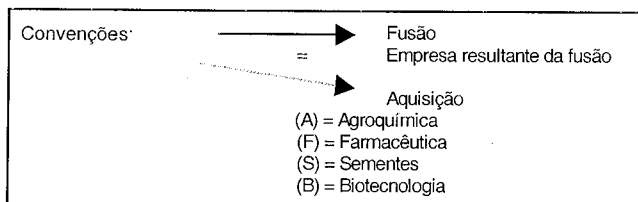
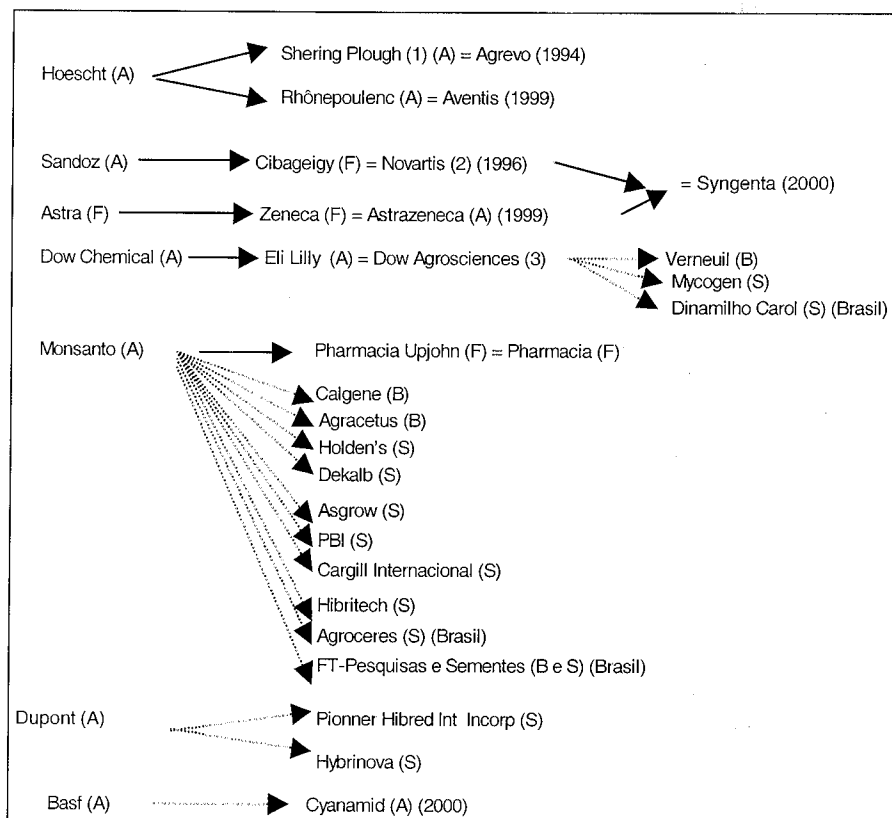
“Existe um campo específico no qual as economias de escala só podem ser conseguidas por empresas muito grandes. Trata-se do campo da pesquisa tecnológica. As vantagens e a superioridade que ela pode conferir a uma empresa, sob a forma de patentes etc., são óbvias. **Seus custos, porém, são de tal monta que só estão ao alcance de empresas muito grandes.** (...) Mesmo se nenhuma outra economia de escala estivesse à disposição de empresas além de um certo tamanho, as vantagens obtidas através da pesquisa industrial ainda confeririam uma superioridade técnica às maiores empresas (grifo nosso)”.

A indústria de biotecnologia encontrou uma fonte poderosa de financiamento nas empresas químicas. No processo de diversificação industrial e tecnológica iniciado nos anos 80,⁶ estas últimas adquiriram grandes firmas na área de biotecnologia e sementes. Muitas delas compraram, também, empresas da indústria farmacêutica, de tal sorte que constituíram grupos multiatividades nas áreas de defensivos, sementes, biotecnologia e medicamentos, definindo, assim, uma nova indústria, que se convencionou chamar de “ciências da vida” (*lifesciences*). A criação desses grupos multiatividades, através da centralização empresarial promovida pela indústria agroquímica, objetivava reduzir as incertezas do novo ciclo de inovações e criar sinergias entre as várias indústrias da cadeia produtiva situadas a montante da agricultura. A Figura 1 apresenta os principais eventos de F&A entre empresas internacionais no setor de suprimentos agrícolas, nos anos 90.

⁶ “A venda de unidades químicas durante um período de estagnação relativa nesta indústria (química) liberou capital para diversificação em novas indústrias, através de R&D ou aquisição de empresas existentes.” (Estados Unidos, 2001, p. 6).

Figura 1

Fusões, aquisições e participações de empresas internacionais no setor de suprimentos agrícolas — anos 90



FONTE DOS DADOS BRUTOS: ASSOULINE, G; JOLY, P-B; LEMARIE, S. Biotechnologies végétales et restructurations de l'agrofourmiture: un horizon stratégique marqué de fortes incertitudes. **Economies et Sociétés**, v. 34, n. 2, p. 97-113, 2001. (Série Développement, croissance et progrès)

ESTADOS UNIDOS United States Department of Agriculture. Concentration and Tchnology in Agricultural Input Industries **Relatório Eletrônico**, n. 763 Disponível em: <http://www.ers.usda.gov> 2001.

GAZETA MERCANTIL (várias edições). São Paulo.

(1) Corresponde às atividades ligadas à agropecuária da Hoescht (2) Corresponde às atividades ligadas à agropecuária da Novartis (3) Corresponde a partes da Eli Lilly na Dow Elanco (A)

Suponha-se que, em um determinado momento, ocorra uma descontinuidade tecnológica na produção sementeira associada à criação de uma variedade de semente, por exemplo, resistente a certo tipo de doenças ou pragas. Em condições de não integração vertical da cadeia de produção vegetal, como ficaria a indústria de defensivos instalada? E a de adubos? Serão seus produtos os mais apropriados para o pleno florescimento das novas sementes e para assegurar o ciclo da produção? Qual o mecanismo automático que garantiria mercados aos novos cultivares? Não é razoável esperar que a mão invisível do mercado promova a harmonia entre os elos da cadeia produtiva, pelo menos não em um horizonte curto de tempo e sem grandes custos, ou melhor, sem perdas importantes de capital. A integração vertical foi um mecanismo substitutivo das incertezas do mercado utilizado pelas indústrias de modo a reduzir os enormes riscos dos pesados investimentos em pesquisa tecnológica. Em outras palavras, "(...) para as indústrias químicas já envolvidas na agricultura, empresas sementeiras eram aquisições lógicas tendo em vista as complementaridades entre insumos químicos e as novas características das plantas resultantes da manipulação genética" (Estados Unidos, 2001, p. 6).

O caso da Dupont — 47º lugar no *ranking* das maiores empresas globais em 1999 — ilustra bem o processo de reestruturação industrial nas indústrias a montante da agricultura e patrocinadas pela agroquímica. A multinacional decidiu reduzir a dependência da cadeia petroquímica e aumentar os negócios na área agrícola. Nessa estratégia, estão compreendidas atividades bem amplas, que vão desde a produção de sementes geneticamente modificadas para a obtenção de novos produtos destinados à alimentação humana e ao insumo industrial até a produção de proteína vegetal e fontes de energia vegetal alternativas ao petróleo. De uma maneira bem simples, essa estratégia pode ser resumida como: "do petróleo e da agroquímica aos vegetais". Para isso, vendeu a CONOCO, subsidiária petrolífera dedicada ao refino do petróleo — 301º lugar no *ranking* das líderes mundiais em 1999 —, e a divisão de medicamentos para a Bristol-Myers Squibb. Ao mesmo tempo, a norte-americana comprou a Pioneer Híbrido, especializada na manipulação genética de grãos, apostando na agregação de valor através da biotecnologia. Adquiriu, também, a PROTEIN Technologies International, principal fornecedora mundial de proteína de soja (GM, 2001).

A Monsanto, por sua vez, comprou 10 empresas nas indústrias de sementes e biotecnologia (Figura 1).

O tamanho das empresas e, portanto, o dos patrimônios envolvidos nas operações de F&A promovidas pelas empresas-líderes no mercado mundial de suprimentos agrícolas são ilustrados no Quadro 1. Na maioria dos casos observados, os negócios referem-se a um ramo ou setor de atividade das firmas, implicando, portanto, a alienação de apenas parte do patrimônio em conhecimento científico e capital físico para a formação de uma terceira empresa, de modo que

o valor da nova empresa não corresponde, necessariamente, à soma dos valores patrimoniais das que lhe deram origem. O que eles expressam, inquestionavelmente, é o gigantismo das empresas que operam nesses ramos industriais e dos grupos econômicos que as controlam ou apoiam. Veja-se que o valor de mercado da maior empresa brasileira — por sinal, uma estatal, a Petrobrás, e atuando no setor de química e petroquímica — atingiu US\$13,3 bilhões em 1999, muito abaixo, portanto, do alcançado pela grande maioria das multinacionais relacionadas no Quadro 1. No caso da suíça Novartis, cujo valor de mercado foi estimado em US\$102 bilhões, a relação chega a ser quase oito vezes a menor para a empresa brasileira.⁷ Mas os dados indicam, por outro lado, a potencialidade das F&A para construir escalas adequadas para novas atividades, novas indústrias, dissociando, então, concentração de crescimento orgânico da firma, isto é, daquele vinculado principalmente ao aumento das escalas no tempo devido à expansão interna da empresa.

A centralização patrimonial promovida pelas matrizes das empresas-líderes no setor agroquímico, de biotecnologia e sementes implicou uma concentração sem precedentes nos respectivos mercados brasileiros, uma vez que muitas delas operavam através de filiais no País. Se, além disso, forem consideradas as aquisições de firmas brasileiras ou de filiais de outras empresas estrangeiras instaladas no País, então, a concentração chega a níveis espantosos. E tão espantosa quanto as proporções do mercado conquistado pelas empresas foi a rapidez com que isso ocorreu, graças às F&A.

A Monsanto, por exemplo, nos anos 90, comprou, pelo menos, quatro empresas internacionais na área de manipulação genética de sementes. Dentre elas, a Dekalb, através da filial Braskalb, e a Cargill já operavam no mercado brasileiro. No Brasil, a multinacional adquiriu a divisão vegetal da Agrocere em 1997, maior empresa brasileira de pesquisa e comercialização de sementes melhoradas. Assim, não obstante ter feito aquisições tardias no mercado doméstico, dois anos depois, em 1999, sozinha, já controlava nada mais, nada menos do que 60% do mercado interno de sementes de milho. E a aquisição da FT-Pesquisas e Sementes, em 1996, fez com que ficasse também com 18% do mercado nacional de sementes de soja em 1999. No entanto, a importância da Monsanto no mercado da soja é muito maior do que esse número leva a concluir, uma vez que a multinacional “(...) contratou parceria com a Embrapa, para o

⁷ Em outras indústrias ocorre o mesmo. No setor de processamento da produção primária, por exemplo, a Nestlé tem um valor de mercado de US\$72 bilhões; a Unilever, de US\$ 64 bilhões; enquanto as grandes brasileiras, a Sadia e a Perdigão, registram um patrimônio líquido avaliado em US\$ 480 milhões e US\$ 293 milhões respectivamente (Business Week, 1999; Moraes, 2000).

desenvolvimento de tecnologia, em que, provavelmente, vale-se do estoque de material genético que esta possui — o maior do Brasil — e, em contrapartida, aporta sua tecnologia de ponta, no campo da Engenharia Genética” (Araújo, 2001, p. 35).

Quadro 1

F&A e valor de mercado de empresas selecionadas
no setor de suprimentos agrícolas — 1993-00

DISCRIMINAÇÃO	1ª OPERAÇÃO DE F&A: EMPRESAS ENVOLVIDAS		EMPRESA RESULTANTE	2ª OPERAÇÃO DE F&A: EMPRESAS ENVOLVIDAS		EMPRESA RESULTANTE
Nome	Hoescht (A)	Shering Plough (A)	Agrevo	Agrevo	Rhône-poulenc	Aventis
Valor de mercado (1)	26 145	66 346	...	...	17 476	...
Nome	Sandoz	Cibageigy	Novartis	Novartis	Astra-zeneca	Syngenta (2)
Valor de mercado (1)	...	4 944	101 626	101 626	70 891	...
Nome	Astra	Zeneca	Astrazeneca	-	-	-
Valor de mercado (1)	...	...	70 891	-	-	-
Nome	Dow Chemical	Eli Lilly	Dow Agrosiences	-	-	-
Valor de mercado (1)	26 695	78 671	...	-	-	-
Nome	Monsanto	Pharmacia Upjohn	Pharmacia	-	-	-
Valor de mercado (1)	26 064	28 093	...	-	-	-
Nome	Dupont	Pionner	Dupont/ /Pionner	-	-	-
Valor de mercado (1)	73 744	8 989	...	-	-	-
Nome	Basf	Cyanamid	Basf/ /Cyanamid (2)	-	-	-
Valor de mercado (1)	24 327	...	...	-	-	-

FONTE: ASSOULINE, G.; JOLY, P-B.; LEMARIE, S. Biotechnologies végétales et restructurations de l'agrofourmiture: un horizon stratégique marqué de fortes incertitudes. **Economies et Sociétés**, v. 34, n. 2, p. 97-113, 2001. (Série Développement, croissance et progrès).

(1) Valor referente ao ano de 1999 em US\$ milhões. (2) Fusão ainda não completada.

Tudo indica que a Monsanto escolheu a Embrapa — maior empresa nacional na área, com 70% do mercado das sementes da soja — para posicionar-se e controlar rapidamente o mercado brasileiro da oleaginosa. De outro lado, partindo-se da premissa que, nessa indústria e no ciclo particular de inovações em que se acha envolvida, o maior truízo que dispõem as empresas é o conhecimento científico, é legítimo especular, e até apostar, quais os interesses que prevalecerão no curso da parceria.⁸ Além disso, a própria legislação brasileira, ao garantir a propriedade dos frutos do progresso técnico às empresas que o promovem, está colocando em mãos do capital internacional o controle das inovações tecnológicas e dos seus resultados econômicos. De fato, “(...) a aprovação da Lei de Proteção de Cultivares no Brasil implica que as empresas que obtenham novas variedades vegetais terão o poder de impedir a multiplicação de suas sementes, exigindo o pagamento de *royalties* para que isso ocorra” (Araújo, 2001, p. 36).

Em resumo, a pesquisa e a produção sementeira das duas maiores lavouras de grãos do País — o milho e a soja — estão, direta ou indiretamente, sob o controle da Monsanto. A empresa atua, também, no mercado de defensivos, embora com menos expressão; em todo caso, buscando a compatibilidade entre as sementes e os defensivos por ela produzidos.

No Quadro 2, podem-se apreciar outros exemplos de reflexos das F&A internacionais sobre: a reestruturação do mercado nacional; o momento e a rapidez com que as multinacionais se instalaram no mercado nacional; a centralização do capital em várias indústrias, a dominação do capital multinacional nas mesmas; e, finalmente, a integração vertical entre indústrias, construída pelas F&A.

Confrontando essas informações com as da Figura 1, chega-se à conclusão de que a concentração no mercado nacional é ainda maior. De fato, as aquisições, participações e fusões de empresas no mercado internacional teriam elevado para 14% e 21,1% a participação do grupo Novartis no mercado das indústrias sementeira de milho e de defensivos respectivamente; para 14,3% a da Cyanamid; e para 20,8% a do Aventis no mercado de defensivos. Três grupos multinacionais — Monsanto, Novartis/Zeneca e Dupont — controlam 88% do mercado nacional de sementes de milho; três — Aventis/Bayer, Novartis/Zeneca e Basf/Cyanamid —, 56,2% do de defensivos; e dois — Embrapa (esta brasileira) e Monsanto, em parceria —, 83% do mercado sementeiro de soja.

⁸ O leitor, diante da participação da Embrapa no mercado, sempre poderá argumentar que o mercado já era altamente concentrado. Todavia, em nosso entender, não são as mesmas as implicações para a economia nacional, quando se trata de monopólio em mãos de uma empresa pública ou nas de uma grande corporação multinacional.

Condições de empresas e concentração nos mercados sementeiro e de defensivos no Brasil – 1997 e 1999

Quadro 2

PRODUÇÃO SEMEANTEIRA DE MILHO				PRODUÇÃO SEMEANTEIRA DE SOJA				DEFENSIVOS	
1999				1997				1999	
Empresa	% no mercado nacional	Empresa	% no mercado nacional	Empresa	% no mercado nacional	Empresa	% no mercado nacional	Empresa	% no mercado nacional
Agrocères	26	Monsanto	60			Monsanto	18	Monsanto	8,5
Carill	26								
Braskalb/ Dekalb	8								
Pioneer	14	Dupont (Dupont/ Pioneer)	14			Dupont/ Pioneer	2	Dupont/ Pioneer	8,0
Novartis	11	Novartis	11					Novartis (1)	13,1
		Zeneca	3					Zeneca	8,0
Dinamilho Carol	3	Dow/Chemical/ Mycogen	5					Dow/Chemical/ Mycogen	14,1
Agroeste	1								
		Agro Unimilho	2						
			2	FT-Pesquisas e Sementes	12				
				Embrapa	70	Embrapa	66		
				Coodetec	10	Coodetec	10		
				IAC	2				
				Dois Marcos	1			FMC	4,5
								Basf	6,3
								Aventis (2)	13,6
								Milena (3)	8,7
								Cynamid	8,0
								Bayer	7,2
Outros	11		3	Outros	5		5		
TOTAL	100		100		100		100		100

FORNTE DOS DADOS ABILITOS: Gazeta Mercantil (várias edições).

NOTA: 1. Fusões e aquisições =
2. Parcerias =

(1) S. M. Zvereva, *Phytochemistry*, **20**, 1233 (1981). (2) Bayer Crop Science (Aventis + Bayer). (3) Milenia (Herbitécnica + Defensa).

Nessas circunstâncias, o resultado econômico, ou a rentabilidade da atividade, depende, assim, da produção e da comercialização em massa de grandes escalas de operação.

leia-se

Nessas circunstâncias, o resultado econômico, ou a rentabilidade da atividade, depende da produção e da comercialização em massa, assim, de grandes escalas de operação.

2 - A indústria de fertilizantes agrícolas em processo de monopolização

*“A estratégia (da Bunge e Born) é crescer no Brasil e América Latina e não nos Estados Unidos, como acontece com a Cargill e a ADM. **A expansão da agricultura é aqui.** Crescer no caminho da soja, milho, algodão e outras culturas agrícolas na região centro-oeste.” (GM, 2000).*

Fertilizantes básicos (fosfatados e nitrogenados) são típicas *commodities*, portanto, são bens de baixo valor agregado. Trata-se de produtos padronizados, isto é, fabricados segundo padrões tecnológicos homogêneos, o que significa, em princípio, que a competição se dá via preços, ao contrário de um mercado com diferenciação do produto. Nessas circunstâncias, o resultado econômico, ou a rentabilidade da atividade, depende, assim, da produção e da comercialização em massa de grandes escalas de operação.

Fertilizantes básicos são também mercadorias largamente comercializadas em nível internacional, tendo, portanto, os preços determinados nesse âmbito, sob a condição de que não haja medidas de proteção do mercado interno.⁹

No caso do Brasil, país de dimensões continentais, com uma produção agropecuária diversificada e desconcentrada espacialmente, com condições de solos agrícolas tão diferentes — implicando especificações distintas na formulação dos nutrientes e corretivos —, fertilizantes são altamente sensíveis aos custos de circulação das mercadorias, ou de comercialização, em especial os de transporte. Tanto assim que a redução desses custos pode ser vista como um argumento poderoso para explicar a razão pela qual as grandes *tradings* de beneficiamento e comercialização de *commodities* agropecuárias entraram no mercado doméstico de adubos: os mesmos veículos que trariam os grãos das regiões produtoras para os grandes centros consumidores e portos de embarque internacional da mercadoria voltariam com adubos para as regiões produtoras. Os resultados finais da atividade da indústria de fertilizantes dependem muito da logística de circulação. O Quadro 3 mostra algumas operações de F&A entre grandes grupos internacionais na área de comercialização e beneficiamento de grãos e fertilizantes.

⁹ Ver, a esse respeito, SAE (BR. MF, 2001, p. 7-8).

Quadro 3

F&A de empresas internacionais nas áreas de beneficiamento
e comercialização de grãos e produção
de fertilizantes — anos 90

EMPRESA ADQUIRENTE	NACIONA- LIDADE	SETOR DE ATIVIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	NACIONA- LIDADE	SETOR DE ATIVIDADE
Cargill	EUA	Alimentos/ /grãos	Continetal Grain	EUA	Alimentos/grãos
Bunge e Born	Bermudas	Fertilizantes	Alecy	Suíça	Fertilizantes
Conagra	EUA	Alimentos/ /grãos	International Home Foods	EUA	Alimentos/grãos

FONTE DOS DADOS BRUTOS: GAZETA MERCANTIL (várias edições). São Paulo.

No caso brasileiro, além das razões de ordem geral ligadas às características do produto, e da preocupação com a logística da circulação, o processo de concentração no setor que agrega as indústrias de fertilizantes agrícolas teve a ver, de forma importante, com a estratégia das grandes empresas internacionais na área de produção e comercialização de *commodities* agropecuárias de aproveitarem as enormes potencialidades do mercado para fertilizantes na esteira da expansão da produção agropecuária na fronteira agrícola doméstica.

Entre 1996 e 2002, registraram-se nove operações de fusões e aquisições de empresas de fertilizantes agrícolas no Brasil, correspondendo a uma brutal concentração e a uma radical internacionalização dessa indústria. Empresas tão conhecidas e importantes como a Serrana, a Manah e a Solorrico foram adquiridas por dois grandes grupos internacionais na área de *commodities* — Bunge e Born e Cargill. Também a Adubos Trevo, empresa rio-grandense com atuação nacional e em âmbito do Mercosul, teve o mesmo destino, pois foi vendida, em 2000, para a norueguesa Norsk Hidro, depois de passar por um processo de saneamento com forte apoio do Governo Estadual.

As aquisições dos grandes grupos internacionais não objetivavam apenas o controle do mercado do segmento industrial formado pelas misturadoras de fertilizantes, isto é, pelas empresas localizadas ao final da cadeia produtiva, isto é, junto ao produtor agrícola (Boxe 1). Elas visavam, também, através da aquisição das misturadoras, controlar as fontes de recursos naturais e a produção das matérias-primas básicas para a formulação de adubos no Brasil. E isto porque as formuladoras estão constituídas em uma empresa *holding*, que controla as jazidas minerais domésticas.

Quadro 4

Aquisições e fusões de empresas nas indústrias de adubos, sementes e máquinas e equipamentos agrícolas no Brasil — 1996-mar/02

SETOR AO QUAL PERTENCE A EMPRESA ADQUIRIDA	NOME DA EMPRESA COMPRADORA	PAÍS DA EMPRESA COMPRADORA	NOME DA EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO
Adubos	Bunge e Born	Bermudas	Serrana	1996
Adubos	Bunge e Born	Bermudas	IAP	1997
Adubos	Bunge e Born	Bermudas	Elekeiroz	1998
Adubos	Bunge e Born	Bermudas	Takenaka	1998
Adubos	Bunge e Born	Bermudas	Manah	2000
Adubos	Cargill	EUA	Solorrico	1999
Adubos	Cargill	EUA	Fertiza	2000
Adubos	Norsk Hidro	Noruega	Adubos Trevo	2000
Adubos	Koor Industries	Israel	Milenia	2002
Sementes/biotecnologia	Christian Hansen Biosystems	Dinamarca	Bioteclal	1998
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosciences	Holanda	Dinamilho Carol	1998
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosciences	Holanda	Sementes Hatã	1998
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosciences	Holanda	Híbridos Hatã	1998
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosciences	Holanda	Híbridos Colorado	1998
Sementes/biotecnologia	Monsanto	EUA	FT-Pesquisas e Sementes	1998
Sementes/biotecnologia	Monsanto	EUA	Agrocerec	1997

FONTE: **Anexo.**

No Brasil, a dificuldade para a expansão das misturadoras e a entrada de novas empresas no mercado é o acesso ao abastecimento interno de fertilizantes básicos fosfatados, pois o País possui poucas jazidas de fósforo viáveis, sendo, portanto, relativamente escassas as fontes de recursos naturais para produzir as matérias-primas.¹⁰ Tal restrição fica bem clara nas palavras do Presidente da Copebrás, em 2000, Nelson Pereira dos Reis: “Outro obstáculo para o crescimento da produção é a falta de reservas de fósforo no País. Os depósitos conhecidos já são explorados ou já contam com projetos” (Moraes, 2000, p. 212).

¹⁰ A entrada no mercado de fertilizantes básicos fosfatados está condicionada ao acesso à rocha fosfática e ao ácido fosfórico, matérias-primas iniciais para a produção de fertilizantes. A entrada de novas empresas no mercado de rocha fosfática depende, portanto, da posse de uma jazida de fósforo (SAE (BR. MF, 2001, p. 16-17)).

Boxe 1

“O complexo produtor de fertilizantes envolve uma série de atividades que vão desde a extração da matéria-prima até a composição de formulações que serão diretamente aplicadas na atividade agrícola. A formulação básica dos fertilizantes (NPK) é uma composição de três elementos químicos: nitrogênio (N), fósforo (P) e potássio (K).

“A primeira etapa do processo produtivo consiste em extrair da natureza fontes naturais desses elementos químicos. Em seguida são obtidos os ácidos, com os quais pode-se gerar uma ampla variedade de fertilizantes básicos, que serão utilizados na fabricação de misturas NPK.”

Processo produtivo de fertilizantes

1 Recursos naturais	2 Matérias-primas básicas (rocha fosfática e amônia) e produtos intermediários (ácidos nítrico, fosfórico e sulfúrico)	3 Fertilizantes básicos fosfatados, nitrogenados e potássicos	4 N P K	5 Produto final N-P-K
Fontes de matérias-primas	Indústria de fertilizantes		Misturadoras	Produtor rural

FONTE: BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria de Acompanhamento Econômico. **Parecer n. 106/COGPA/SEAEMF Ato de Concentração n. 09012.004904/00-97 27.** 5 abr. 2001. p. 6.

Até 1992-93, aproximadamente, o Estado regulava o mercado, pois explorava parte importante das jazidas de fósforo brasileiras. Compartia, na verdade, com o capital privado nacional (Ipiranga/Serrana) a exploração do minério. Mais especificamente, a Petrobrás possuía três jazidas, e a Serrana, duas, das oito em atividade no País. Essas cinco representam, juntas, 76% da capacidade de produção nacional (BR. MF., 2001, p. 26).

Com a privatização do setor, depois de 1990, a Petrobrás desfez-se de suas jazidas de minério. O esquema foi montado da seguinte forma: um seletivo número de empresas que atuavam no mercado criaram uma *holding* — a Ferti-fós —, que controlaria a Fosfértil, a empresa da Petrobrás que explorava as três

jazidas de fósforo (Boxe 2). Isso significava, na verdade, que empresas privadas que atuavam em outros segmentos da cadeia de fertilizantes passariam a controlar as fontes de matérias-primas. O Governo, na época, temendo o controle do mercado pela Fertifós, fez um regulamento em que a *holding* se comprometia a abastecer outras empresas, independentemente de serem suas acionistas, assim como a fornecer matéria-prima para novas empresas que viessem a se instalar no mercado. Todavia isso não aconteceu, pelo menos não de acordo com as expectativas do Governo.

Em 1996, a Bunge e Born iniciou uma entrada agressiva no mercado de fertilizantes, comprando a empresa Serrana, do grupo nacional Ipiranga.¹¹ Trata-se de uma empresa integrada verticalmente e, como se viu, detentora de duas das oito jazidas de fósforo no Brasil. Logo após, passou a comprar empresas nacionais na área das misturas que detinham o controle acionário da Fertifós.¹² Em 1998, a Bunge e Born tornou-se sócia da *holding* através da aquisição da empresa IAP, que detinha 23,07% do capital votante. Também em 1998, a Bunge/Serrana, junto com a Manah, comprou a Takenaka, a qual ficou, no entanto, sob seu controle. Com esta última operação, a Bunge/Serrana aumentou para 29,24% a sua participação no capital social da Fertifós. Finalmente, em 2000, a Bunge/Serrana adquiriu a Manah, assumindo, assim, a participação dessa empresa na Fertifós (23,07%) e o controle total da Takenaka. Com essas compras (IAP+Takenaka+Manah), a Bunge passou a deter 52,31% do capital da Fertifós. Isso lhe permitiu escolher cinco dos nove membros do Conselho de Administração da controlada Fosfértil, o que a coloca muito perto do controle completo da empresa, uma vez que são necessários sete para aprovar qualquer matéria relacionada à estratégia industrial da empresa.¹³

A norte-americana Cargill, por seu turno, foi às compras mais tardiamente, em 1999-00, adquirindo a Fertiza e a Solorrico e, com isso, subindo de 23% para 33% sua participação no capital na Fertifós. Uma tal participação lhe assegura o assento de três membros no Conselho de Administração da Fosfértil. O outro lugar nesse conselho é da Fertibrás, que detém 13% do capital social da Fosfértil.

¹¹ A Serrana é uma empresa *holding*. É um grande complexo industrial e de mineração do setor de fertilizantes no País. É a única empresa totalmente verticalizada no setor de fertilizantes. Foi fundada em 1938, com o objetivo de explorar e industrializar as jazidas de fósforo (minério) em SP (<http://www.meudinheiro.com.br/relatoris/serranaspm.htm>).

¹² Para o comando da empresa adquirida, o grupo Bunge contratou o principal executivo da Fosfértil/Ultrafértil (MG).

¹³ Com a compra da Serrana, ela atua na Região Sul, em Minas e em Goiás; com a IAP, em São Paulo, Minas e Mato Grosso do Sul; com a Elekeiroz, a Takenaka e a Manah, no norte e no nordeste (Bahia, Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte). Tais aquisições, uma vez que dispersas geograficamente, lhe garantem o fornecimento nacional, todavia descentralizado regionalmente do insumo.

Boxe 2

A Fertilizantes Fosfatados S/A (Fosfertil) foi criada como uma empresa do Governo Federal em 1977, com o objetivo de promover a pesquisa, a lavra (mineração), a concentração e a comercialização da rocha fosfática da jazida de Patos de Minas (MG). A empresa foi privatizada em agosto de 1992, através do Programa Nacional de Desestatização. Até 1994, a Fosfertil era da Petrobrás. Com a decisão de privatizá-la, as então misturadoras, em número de seis, montaram um consórcio — Fertifós — para adquiri-la. A Fosfertil, por sua vez, adquiriu a Ultrafertil, também empresa estatal. Ou seja, a *holding* Fertifós passou a controlar a Fosfertil (70% do capital social) e a Ultrafertil (100% do capital votante).

A Ultrafertil é uma empresa controlada da Fosfertil que detém quase 100% do seu capital. Ela foi criada em 1965, com a participação da Philips/OS Petroleum e do Grupo Ultra, além de entidades financeiras internacionais. Em maio de 1974, a Petrobrás adquiriu o controle da empresa e o manteve até o leilão de desestatização, ocorrido em junho de 1993, quando o controle acionário foi adquirido pela Fosfertil (www.ultrafertil.ind.br, em 09.08.01).

Assim, embora a Bunge/Serrana detenha a maioria do capital da Fosfertil e dos membros do Conselho de Administração da Fertifós, a administração de seus interesses nos mercados de fertilizantes passa, em princípio, por acordos com a Cargill. Em todo o caso, é claro o poder de dominação de duas multinacionais na área de fertilizantes, que detém o controle total do processo produtivo e do mercado do insumo agrícola.

Finalmente, cabe uma menção às vantagens adicionais obtidas pelas empresas ao controlarem a cadeia de produção dos fertilizantes. Em princípio, elas podem trabalhar com uma rentabilidade correspondente à média das verificadas nos vários segmentos produtivos, compensando eventuais baixas na rentabilidade em determinado setor com aumento em outro. É a situação, aliás, que vem ocorrendo na indústria brasileira, onde os resultados decrescentes obtidos pelas empresas de formulação de fertilizantes vêm sendo compensados — é importante ressaltar — pelos obtidos no setor produtor de matérias-primas básicas e intermediárias. E uma tal situação pode até ser, ou pode vir a ser, parte de uma estratégia para evitar a entrada de competidores no mercado, fixando preços relativamente baixos na área das misturadoras. De acordo com essa hipótese, o controle no mercado seria feito de duas maneiras: através do monopólio dos recursos naturais e da administração dos preços no mercado final.

Quadro 5

Evolução da participação dos grupos econômicos no capital social
da Fertifós — 1994 e 2001

SITUAÇÃO INICIAL - PRIVATIZAÇÃO — 1994		SITUAÇÃO ATUAL — 2001	
Empresa	Participação %	Empresa	Participação %
IAP	23,07	Bunge/Serrana (IAP, Takenaka, Manah)	52,31
Manah	23,07	Cargill (Solorrico, Fertiza)	33,07
Fertibrás	12,76	Fertibrás	12,76
Fertiza	10,00	Outros	1,89
Takenaka	6,17		
Outros	1,89		

FONTE: BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria de Acompanhamento Econômico. **Parecer n. 106/COGPA/SEAEMF Ato de Concentração n. 09012.004904/00-97 27.** 5 abr. 2001. p. 22.

Quadro 6

Rentabilidade da Fosfertil/Ultrafertil e das misturadoras suas acionistas — 1995-99

(%)

DISCRIMINAÇÃO	1995	1996	1997	1998	1999
Fosfertil/Ultrafertil	9,0	18,6	18,8	16,6	26,3
Média dos acionistas (1)	21	18	11	-1	6

FONTE: BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria de Acompanhamento Econômico. **Parecer n. 106/COGPA/SEAEMF Ato de Concentração n. 09012.004904/00-97 27.** 5 abr. 2001. p. 24.

NOTA: Rentabilidade é igual a lucro líquido sobre patrimônio líquido.

(1) Manah, Serrana, Fertiza (Cargill), Solorrico (Cargill) e Fertibrás.

3 - Resumo e conclusões

Um primeiro ponto a destacar é que as F&A no mercado brasileiro de suprimentos agrícolas por grandes grupos internacionais na década de 90 aumentaram a já elevada concentração no setor e implicaram a total desnacionalização das indústrias sementeira (do milho), de fertilizantes e adubos. No contexto das informações apresentadas neste artigo — onde se viu que 60% da produção de sementes de milho está em mãos de uma única empresa; que, tendo esta 18% do mercado de sementes de soja, se associa a uma outra que detém 65% do mesmo; que, uma ou, no máximo, duas empresas controlam o

mercado de fertilizantes; e que, quatro grupos transnacionais controlam 70% do mercado de defensivos —, é até ocioso discutir-se a questão do caráter monopólico ou oligopólico dessas indústrias. Mesmo assim, e seguindo as indicações de Steindl (1990, p. 26) reproduzidas a seguir, podem-se caracterizar os mercados das indústrias do SSA como de dominação monopolista:

“(...) para que seja alcançada a dominação monopolista do mercado de um produto, não é necessário que a concentração vá até o ponto de vincular toda, ou praticamente toda, a produção a apenas uma empresa. Praticamente o mesmo resultado é alcançado quando a concentração tiver avançado o suficiente para propiciar a uma, ou a cada uma das poucas empresas, uma parcela substancial da produção total. Isto porque aí o mercado passa a corresponder a condições **oligopolistas**, e é provável que, quanto a seus efeitos sobre os preços, o oligopólio acabe significando o mesmo que o monopólio”.

Se isso for aceito, e tendo em vista, por outro lado, a predominância absoluta do capital estrangeiro nessas indústrias, pode-se concluir que, em seus mercados, vigora a dominação monopolista internacional.

Uma segunda constatação importante é que, no caso do Brasil, com as aquisições, passou a vigorar uma clara repartição de mercado entre dois muito pequenos grupos de empresas internacionais: de um lado, o ligado às empresas na área da pesquisa biotecnológica, de sementes e de defensivos; de outro, às de produção de fertilizantes. Fazem parte do último grupo, também, as grandes *tradings* na área das *commodities* agropecuárias. Todas elas, em última análise, apostando na enorme potencialidade de expansão agropecuária no Brasil, tendo em vista a fronteira agrícola nacional.

É isso que permite pensar que o País está se constituindo em uma nova e importante plataforma de exportação de *commodities* agropecuárias, cujos resultados poderão aparecer já no médio prazo. Nesse particular, chama atenção a agressividade da Bunge e Born no mercado nacional, o que pode ser explicado como forma de antecipar-se aos movimentos nessa mesma direção das outras grandes, a Cargill, a Coinbra/Louis Dreyfus e a ADM.

Cabe analisar um outro aspecto interessante das F&A das empresas no mercado nacional. As razões principais das F&A entre grandes empresas transnacionais e entre estas e firmas nacionais são diferentes.

No primeiro caso, a concentração tem o sentido mais importante de diversificar a linha de produção da indústria agroquímica e de centralizar capital acumulado em conhecimento científico, reunindo as enormes somas de recursos financeiros para financiar a pesquisa e seu desenvolvimento em novos produtos, ou seja, financiar um novo ciclo de crescimento das empresas de biotecnologia.

No segundo, isto é, nos negócios que envolvem F&A de empresas nacionais por grandes grupos internacionais, como no caso brasileiro, as razões são principalmente outras. De um lado, F&A podem ser explicadas como sendo o caminho para queimar etapas em seu processo de implantação e/ou de reposicionamento rápido nos novos mercados, sem, com isso, acirrar a concorrência com seus pares e levar a uma indesejável desestruturação dos mercados. É que os processos de transnacionalização e/ou expansão de filiais, pelo menos em casos como o do Brasil, não ocorrem no vazio, ao contrário, as *latecomers*, principalmente, já encontram o espaço econômico ocupado, ou melhor, estruturado, inclusive por grupos internacionais concorrentes. É uma situação muito diferente da implantação de indústrias em processos de substituição de importações.

F&A, em casos como o ocorrido no Brasil podem ser interpretadas, também, como um mecanismo que reconstitui, em âmbito regional, as escalas técnicas de produção operadas pela empresa na matriz e associadas aos padrões tecnológicos vigentes.

Uma outra conclusão que se pode extrair de tudo o que foi dito é que estão definitivamente instaladas altas barreiras à entrada de novos capitais nesses mercados. Tais barreiras compreendem o acesso tanto ao conhecimento científico — caso típico da biotecnologia — quanto às fontes de matérias-primas — como é o caso dos fertilizantes —, à industrialização e à comercialização da produção agrícola.

Além disso, essas empresas estão se mostrando altamente flexíveis quanto a sua linha de produção, incluindo, além de produtos de alto valor agregado e marca valorizada, outros com relativamente menos valor agregado. A Novartis, por exemplo, presente no ramo de defensivos e produtos veterinários, anunciou que passará a produzir no Brasil medicamentos genéricos, ou seja, produtos sem marca e de baixo valor de mercado. Com isso, como ficam os pequenos laboratórios que atualmente os produzem? De uma forma mais geral, como pensar a via dos nichos de mercado para viabilizar o pequeno capital, mesmo em condições em que o desenvolvimento técnico favoreça a produção em pequena escala?¹⁴

¹⁴ De acordo com Steindl (1990), não se deve esperar muito dessa via, pois o espaço econômico do pequeno capital, pelo menos na indústria, pode ser considerado também do grande capital: "Se houver economias disponíveis para pequenos estabelecimentos — já que o desenvolvimento técnico pode, algumas vezes, favorecer os equipamentos de pequena escala — então qualquer empresa maior poderá valer-se delas da mesma forma que uma pequena empresa, pois não há qualquer impedimento para que ela invista em certo número de fábricas menores — todas as vantagens disponíveis para a pequena produção também o estão para as grandes".

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Açúcar e álcool	Béghin-Sav	França/Itália	Guarani	2001	SP
Açúcar e álcool	Glencore	Suíça	Usina Portobello	2001	SC
Açúcar e álcool	Louis Dreyfus (Coinbra)	França	Usina Cresciunial	2000	SP
Açúcar e álcool	Louis Dreyfus (Coinbra)	França	Luciliana	2001	MG
Açúcar e álcool	Tate & Lyle	EUA	Empresa Univalem mais sete usinas	2000	SP
Aduos	Bunge e Born	Bermudas	Serrana	1996	FRS (1)
Aduos	Bunge e Born	Bermudas	IAP	1997	FRS
Aduos	Bunge e Born	Bermudas	Elekeiroz	1998	FRS
Aduos	Bunge e Born	Bermudas	Takenaka	1998	FRS
Aduos	Bunge e Born	Bermudas	Manah	2000	SP
Aduos	Cargill	EUA	Solorrco	1999	SP
Aduos	Cargill	EUA	Fertiza	2000	FRS
Aduos	Koor Industries	Israel	Milenia	2002	PR
Aduos	Norsk Hidro	Noruega	Aduos Trevo	2000	RS
Alimentos em geral — con- centrados, atomatados	Bestfoods	USA	Arisco	2000	GO
Alimentos em geral — con- centrados, atomatados	Bombril-Cirio Gragnotti	Itália/Luxemburgo	Indústria Alimentícia Carlos de Brito (mar- ca Peixe)	1998	FRS
Alimentos em geral — con- centrados, atomatados	Parmalat	Itália	Bolls	...	FRS
Alimentos em geral — con- centrados, atomatados	Parmalat	Itália	Etti	1997	PE
Alimentos em geral — ingre- dientes para a indústria ali- mentícia (leite e café em pó)	Kerry	Irlanda	Nutrir	2002	MG

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Alimentos em geral — ingredientes para a indústria alimentícia (para sorvetes)	Kerry	Irlanda	Sibér	2002	SP
Cadeia do arroz	Fundo Trust Company of the West (TCW)	EUA	Camil	1998	RS
Cadeia do arroz	Fundo Trust Company of the West (TCW)	EUA	Josapar	2001	RS
Cadeia do arroz	Molinos ALA	Argentina	Cooperativa Uruguaiense (CAUL)	1997	RS
Carnes — bovinos	Frigoboi	Brasil	Frigoríficos da Sadia	...	FRS
Carnes — bovinos	Frigoboi	Brasil	Frigorífico da Anglo	...	FRS
Carnes — bovinos	Perini	Brasil	Arrendamento dos prédios de abate em Mato Grosso, da Sadia	...	FRS
Carnes — bovinos	Bertin	Brasil	Swift Armour Bordon	...	FRS
Carnes — frangos, suínos	Bunge e Born	Bermudas	Seara/Hering	1997	SC
Carnes — frangos, suínos	Doux	França	Frangosul	1998	RS
Carnes — frangos, suínos	Fleischmann Royal/Nabisco	EUA	Pilar, Frigoríficos Gumz	1996	FRS
Carnes — frangos, suínos	Macri (Socma)	Argentina	Chapécó	1999	SC
Carnes — frangos, suínos	Macri (Socma)	Argentina	Frigorífico Prenda	2000	RS
Carnes — frangos, suínos	Senfer	Itália	Languirú	1998	RS
Carnes — peixes	Benvenuto	Argentina	Leal Santos	1996	RS
Chocolates, doces, biscoitos	Sadia	Brasil	Miss Daisy	1999	FRS
Chocolates, doces, biscoitos	Parmalat	Itália	Neugebauer	1999	RS
Chocolates, doces, biscoitos	Philip Morris	EUA	Lacta	1996	ES
Chocolates, doces, biscoitos	Hershey's	EUA	Visconti — 100% da divisão de chocolates	2001	...

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Chocolates, doces, biscoitos	Nestlé	Suíça	Garoto	2002	ES
Criação de reprodutores bovinos	Grupo Estâncias Cabanas "Lás Lillas"	Argentina	Aquisição de terras	...	GoIânia e Cuiabá
Grãos — café	Mellita	Alemanha	Café Seletto	1999	FRS
Grãos — café	Sara Lee	EUA	Café do Ponto	1998	SP
Grãos — café	Sara Lee	EUA	Divisão de Café da Cia. União de Refinadores	2000	SP
Grãos — café	Strauss	Israel	Três Corações	2000	MG
Laticínios	Andros	França	Coonal	2000	SP
Laticínios	Avipal	Brasil	CCGL	1997	RS
Laticínios	Cooperativa New Zealand Dairy Board	Nova Zelândia	Vigor	2000	SP
Laticínios	Danone (BSN)	França	Leite Paulista	2000	SP
Laticínios	Emege	Brasil	Nestlé	...	FRS
Laticínios	Ilpisa	Brasil	Duas indústrias de leite da Nabisco	...	FRS
Laticínios	La Serenissima/Mastellone	Argentina	Naturalat/ Leitesol	1996	SP
Laticínios	Milkaut	Argentina	Ivoti	1998	RS
Laticínios	Milkaut	Argentina	...	1999	PR
Laticínios	Nabisco	USA	Avaré	1995	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Sodilac	...	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Cilpe	...	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Florlat	...	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Alimbra	1991	BA
Laticínios	Parmalat	Itália	Alpha	1991	RJ
Laticínios	Parmalat	Itália	Laticínios Teixeira	1991	SP

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Laticínios	Parmalat	Itália	Santa Helena	1991	GO
Laticínios	Parmalat	Itália	Suprema	1991	MG
Laticínios	Parmalat	Itália	Via Láctea	1991	SP
Laticínios	Parmalat	Itália	Go-Go	1992	GO
Laticínios	Parmalat	Itália	Mococa de Goiás	1992	GO
Laticínios	Parmalat	Itália	Planalto	1993	MG
Laticínios	Parmalat	Itália	SPAM	1993	RJ
Laticínios	Parmalat	Itália	Beihânia	1996	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Ouro Preto	1996	FRS
Laticínios	Parmalat	Itália	Lacasa	1997	RS
Laticínios	Parmalat	Itália	Batavo	1998	PR
Laticínios	Perez Compan	Argentina	Queijo Minas	1999	MG
Laticínios	Royal Numico	Holanda	Mococa	1999	SP
Laticínios	Está em busca de parceria		Itambé	2001	MG
Máquinas e equipamentos agrícolas	AGCO	EUA	Ioschpe/Maxion Ferguson	1994/96	RS
Máquinas e equipamentos agrícolas	John Deere	EUA	SLC	1979/00	RS
Rações para animais	Nestlé	Suíça	Tessmann	1997	RS
Sementes/biotecnologia	Christian Hansen Biosystems	Dinamarca	Biotechal	1998	MG
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosiences	Holanda	Dinamilho Carol	1998	FRS
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosiences	Holanda	FT Biogenética	1998	FRS
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosiences	Holanda	Sementes Hatá	1998	FRS
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosiences	Holanda	Híbridos Hatá	1998	FRS
Sementes/biotecnologia	Dow Agrosiences	Holanda	Híbridos Colorado	1998	FRS

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Sementes/biotecnologia	Monsanto	EUA	FT-Pesquisas Sementes	...	FRS
Sementes/biotecnologia	Monsanto	EUA	Agroceres	1997	SP
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Agropalma	Brasil	Coacara (óleo de pal- ma)	...	FRS
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Archer Daniels Midland (ADM)	EUA	Sadia — venda das operações com soja	1997	SC
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Archer Daniels Midland (ADM)	EUA	Granja Rezende — venda das operações de soja	2000	MG
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Archer Daniels Midland (ADM)	EUA	J. B. Duarte — venda da unidade de esma- gamento de soja	2000	SP
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Bunge e Born	Bermudas	Covebras	1996	FRS
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Bunge e Born	Bermudas	Olvebasa	1996	BH
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Bunge e Born	Bermudas	Incobrasa	1997	RS
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Bunge e Born	Bermudas	Ceval Alimentos (He- ring)	1997	SC
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Cooperalfa	Brasil	Cooperativa Agrope- cuária São Miguel do Oeste	...	FRS
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Louis Dreyfus (Coinbra)	França	Anderson Clayton — venda da unidade de esmagamento de so- ja da Unilever	...	FRS

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Louis Dreyfus (Cointbra)	França	Fábrica da Comove	...	FRS
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Maggi	...	Refinadora de Óleos Brasil — venda da unidade de esmagamento de soja	2001	PR
Soja e milho: óleos vegetais, margarina	Maggi	...	Fábrica da Olivepar	2001	MT
Sorvetes	Unilever	Países Baixos	Kibon	2001	PR
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Brahma	Brasil	Antártica	...	...
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Coca Cola	EUA	Cia. Mineira de Refrescos	2000	MG
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Coca Cola	EUA	Refrescos Guararapes	2000	FRS
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Molson	Canadá	Kaiser	2000	FRS
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Kaiser	Brasil	Cervejaria Colônia (marca Xingu)	2001	PR
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Sucos, bebidas, vinhos, etc.	França	Aquisição de fazendas em SP	1997	SP
Sucos, bebidas, vinhos, etc.	Sucos, bebidas, vinhos, etc.	França	Arrendamento de fábrica de processamento de frutas	1997	SE
Supermercados	Bompreço	Holanda/Brasil	Petitpreço	1998	BH
Supermercados	Carrefour	França	Eldorado	1997	SP
Supermercados	Carrefour	França	Roncetti	1998	ES
Supermercados	Carrefour	França	Hiper Manaus Gonçalves	1999	AM
Supermercados	Carrefour	França	Rede Planaltão	1999	DF
Supermercados	Carrefour	França	Nossa Senhora Abadia/Mineirão	1999	MG

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Supermercados	Carrefour	França	Rainha Supermercados	1999	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Continente	1999	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Dallas	1999	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Cadeia Antonelli	2000	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Cadeia Big Born	2000	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Continente	2000	RJ
Supermercados	Carrefour	França	Dallas	2000	RJ
Supermercados	Carrefour	França	EPA	2001	MG
Supermercados	Carrefour	França	Comercial Matheus Vinhedo Ltda.	2001	SP
Supermercados	Casino (2)	França	Pão-de-Açúcar	...	SP
Supermercados	Jerônimo Martins	Portugal	Rede Sé	1997	SP
Supermercados	Nacional	Brasil	Zottis	1997	RS
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Paes Mendonça	1999	RJ
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Freeway	1997	RJ
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Ipical	1997	SP
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Peralta	1999	SP
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Boa Esperança	2000	PR
Supermercados	Pão-de-Açúcar	Brasil	Mercadinho São Luiz	2000	CE
Supermercados	Royal Ahold	Holanda	Bompreço	1996	PE
Supermercados	Sonae	Portugal	Real	1997	RS
Supermercados	Sonae	Portugal	Mercadorama	1998	PR
Supermercados	Sonae	Portugal	Cândia	1998	SP
Supermercados	Sonae	Portugal	Rede Coletão	1999	PR
Supermercados	Sonae	Portugal	Mufatão	1999	PR
Supermercados	Sonae	Portugal	Rede Nacional	1999	RS

(continua)

Aquisições e fusões de empresas do agronegócio no Brasil — 1991-15.03.02

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Supermercados	Sonae	Portugal	Extra Econômico	1999	RS
Supermercados	Sonda	Brasil	Goodys	2001	SP
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Anacondã	...	Sadia — venda das unidades de trigo	...	SP
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Arisco	Brasil	Visconti, Pardelli	...	FRS
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas, biscoitos e panelones	Bauduco	Brasil	Visconti — 50% da área de panelones, bolos, doces	2001	SP
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Bimbo	México	Plus Vita	2001	SP
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Bunge e Born	Bermudas	Plus Vita	1989	SP
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Bunge e Born	Bermudas	Pullman, Campo Grande	1995	FRS
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Bunge e Born	Bermudas	Van Mill Produtos Ali- mentícios	1999	FRS
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Cargill	EUA	Moinho São Valentin	1996	FRS
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Danone	França	Campineira	1995	FRS
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Danone (BSN)	França	Biscoitos Aymoré	2000	MG
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Canale do Brasil	1994	...
Trigo — moinhos; pães, do- ces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Isabela	1998	RS
Trigo — moinhos; pães, doces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Pastificio Basilar	1996	SP

(continua)

SETOR DA EMPRESA ADQUIRIDA	EMPRESA COMPRADORA	NACIONALIDADE	EMPRESA ADQUIRIDA	ANO DA OPERAÇÃO	SEDE DA EMPRESA
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Zabet	1997	...
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Adria	1999	SP
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Macri (Socma)	Argentina	Todeschini (em negociação)	2001	PR
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Molino Canúelas do grupo Navilli	Argentina	Moinho de Trigo do RS (nome desconhecido)	1996	RS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Nestlé	Suíça	Tostines	...	FRS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Parmalat	Itália	Petybon	...	FRS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Parmalat	Itália	General Biscuits	...	FRS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Pillbury	EUA	Terra Branca, Frescarini	1996	FRS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Quaker Oats	EUA	Adria Produtos Alimentícios	1994	FRS
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Trading Global Grain	Canadá/EUA	Moinho Santo André	2001	SP
Trigo — moínhos; pães, doces, massas e biscoitos	Trading Global Grain	Canadá/EUA	Moinho MG e Rei das Massas	2001	MG

FONTE: BENETTI, Maria D. Reestruturação do agronegócio no Brasil e Rio Grande do Sul nos anos 90. In: FLIGENSPAN, Flávio B., coord. **Economia gaucha e reestruturação dos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000.

BENETTI, Maria D. Reestruturação na área da circulação das mercadorias: o novo fator determinante da luta competitiva no mercado agroindustrial brasileiro. **Ensaios FEE**. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 59-85, 2001.

GAZETA MERCANTIL (várias edições). São Paulo.

(1) FRS é a convenção utilizada para designar que a sede da empresa vendida está situada fora do Rio Grande do Sul, quando se desconhece, no entanto, o estado onde está localizada. (2) Associação entre as empresas sem controle do capital pelo grupo estrangeiro.

Bibliografia

ARAÚJO, José Cordeiro de. A concentração nas empresas do agribusiness e de biotecnologia. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, Ano 10, n. 2, abr./maio/jun. 2001.

ASSOULINE, G.; JOLY, P-B.; LEMARIE, S. Biotechnologies végétales et restructurations de l'agrofourniture: un horizon stratégique marqué de fortes incertitudes. **Economies et Sociétés**, v. 34, n. 2, p. 97-113, 2001. (Série Développement, croissance et progrès).

BENETTI, Maria D. Reestruturação do agronegócio no Brasil e Rio Grande do Sul nos anos 90. In: FLIGENSPAN, Flávio B., coord. **Economia gaúcha e reestruturação dos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000.

BENETTI, Maria D. Reestruturação na área da circulação das mercadorias: o novo fator determinante da luta competitiva no mercado agroindustrial brasileiro. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 59-85, 2001.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria de Acompanhamento Econômico. **Parecer n.106/COGPA/SEAEMF Ato de Concentração n. 09012.004904/00-97 27**. 5 abr. 2001.

BUSINESS WEEK. New York: MacGraw-Hill, p. 43-50, 12 jul. 1999

CLARK, Kim. Investment in New Technology and competitive advantage. In: TEECE, David J. **The competitive challenge**: strategies for industrial innovation and renewal. Berkely: Michael Tushman and Andrew Van der Ven, 1987. (Series Editors; University of California).

ESTADOS UNIDOS. United States Department of Agriculture (2001), Concentration and Tchnology in Agricultural Input Industries **Relatório Eletrônico**, n. 763. Disponível em: <http://www.ers.usda.gov> 2001.

GAZETA MERCANTIL (várias edições). São Paulo.

GAZETA MERCANTIL. São Paulo, 12 jul. 2001.

GAZETA MERCANTIL. São Paulo, 30 ago. 2000.

MERHAV, Meyr. **Dependência Tecnológica, Monopolio y Crecimiento**. Buenos Aires: Ediciones Periferia, 1972.

MORAES, João André de. O jeito é dar pau no investimento. **Exame Melhor e Maiores**. São Paulo: abr., jul. 2000.

SHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. p. 114.

STEINDL, J. **Pequeno e grande capital**. São Paulo: HUCITEC; UNICAMP, 1990.